

Possessivos de 3ª pessoa: o português arcaico e o português brasileiro contemporâneo

3rd person possessives: Old Portuguese and Modern Brazilian Portuguese

Maria Aparecida Torres Morais *

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

Ilza Ribeiro **

Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil

Resumo: Neste texto tratamos de algumas estratégias de posse, em particular, as que se referem a aspectos sintáticos e semânticos envolvendo os possessivos de 3ª pessoa *seu* e *dele*, numa perspectiva comparativa entre duas gramáticas: a do português arcaico (PA) e a do português brasileiro contemporâneo (PB). Com base em Müller (1997) e Menezes (1999, 2003 a, b), rejeitamos a hipótese da perda da forma *seu* de 3ª pessoa, por ter sido a mesma reanalisada como pronome de 2ª pessoa notional. Ao contrário, propomos que as restrições ao antecedente referencial impostas ao anafórico *seu* de 3ª pessoa, no PB falado, evidencia que a forma está se especializando na interpretação de variável ligada. Evidencia igualmente a atuação de uma condição sintática nas dependências anafóricas, a Condição da Cadeia, que se aplica no nível sentencial e reflete a forma como a sintaxe interpreta princípios que atuam na anáfora discursiva. No PA, ao contrário, *seu* é exclusivo da 3ª pessoa, podendo tomar antecedentes referenciais e ser ligado por antecedentes quantificados. No entanto, o fato de não expressar

* Professora Associada no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, São Paulo, Brasil; torres.mariacida@gmail.com

** Professora Titular no Departamento de Fundamentos para o Estudo das Letras do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, Bahia, Brasil; ilzaribeiro@uol.com.br

morfosintaticamente os traços de número (e gênero) do possuidor pode ter sido um fator determinante no uso possessivo da forma perifrástica *dele*. Embora pouco produtivo no documento arcaico estudado, *dele* aparece nas estrutura de redobro *seu...dele*, e em alguns contextos de variação *seu e dele*. Outras estratégias de posse são abordadas, entre elas, os usos clíticos dativos *lhelhe-lhillhis*. Concluímos nosso texto com uma reflexão a respeito do que teria causado a reanálise diacrônica que culminou em um traço inovativo nos usos da forma *seu* de 3ª pessoa no PB.

Palavras-chave: Possessivo de 3ª pessoa. Anáfora. Variável. Português brasileiro. Português arcaico.

Abstract: This paper addresses some comparative aspects of the 3rd person possessive pronouns *seu* and *dele* in Modern Brazilian Portuguese (BP) and Old Portuguese (OP). Following Müller (1997) and Menuzzi (1999, 2003) we propose that the BP pronominal system is undergoing some change which made *seu* become disfavored as an anaphoric form for 3rd person referential antecedents. The generalization has a ramification for the fact that the form *dele* is the possessive for 3rd person. We also assume Menuzzi's idea that the restriction on 3rd person referential antecedents follows from a syntactic condition on anaphoric dependencies, the Chain Condition, which applies to sentential anaphora because it is the way syntax interprets Accessibility Principles, which govern discourse anaphora. In OP, however, the form *seu* is strongly preferred as a 3rd person possessive pronoun. In these terms, it can take referential antecedents and also be bound by quantified antecedents. We assume that the morphosyntactic properties that differentiated the two forms, *seu* and *dele*, mainly gender and number, were crucial to the historical development of the Portuguese language. Other archaic possessive strategies as the dative clitics *lhelhes-lhillhis* and the construction *seu...dele* are also discussed as evidence for *dele* as a possessive form. We concluded the paper with some suggestions about the cause of the diachronic reanalysis that affected the 3rd person possessive system in the history of BP.

Keywords: Possessives. Brazilian Portuguese. Old Portuguese. Pronominal system.

1 INTRODUÇÃO¹

Neste texto temos como objetivo principal apresentar algumas estratégias de posse de 3ª pessoa, entre elas, a que se refere aos usos de *seu* e *dele*, em duas gramáticas: a do português arcaico (PA) e a do português brasileiro contemporâneo (PB). Seguindo Müller (1997) e Menuzzi (1999, 2003 a, b), adotamos a hipótese de que o avanço do genitivo *dele* no sistema possessivo, a partir do século XVIII, e a especialização da forma *seu* na retomada do antecedente quantificacional de 3ª pessoa pode ser entendida com base na seguinte generalização: no PB falado *seu* é fortemente desfavorecido como forma anafórica na retomada do antecedente referencial de 3ª pessoa, por força da atuação de uma condição sintática nas dependências anafóricas, a Condição da Cadeia, a qual se aplica no nível sentencial e reflete princípios de natureza discursiva. Essa análise, como buscaremos mostrar, permite estabelecer uma comparação entre as duas gramáticas.

Adotamos ainda a hipótese de que, para um melhor entendimento das mudanças que possam ter ocorrido no sistema possessivo do PB, é necessário levar em conta, entre outros fatores, incluindo os de natureza social, como contato, etc., a fase arcaica da língua, definida como o conjunto da documentação remanescente que cobre os séculos XII-XV².

O texto está organizado da seguinte forma. Na seção 2 apresentamos alguns estudos a respeito dos possessivos de 3ª pessoa no PB. Em particular, os que se referem aos usos de *seu* e *dele*. Apresentamos uma proposta de análise segundo a qual *seu* e *dele* se diferenciam em termos morfossintáticos, semânticos e discursivos na forma como expressam as relações anafóricas com o antecedente de 3ª pessoa. Consideramos ainda outras estratégias de posse, entre elas, a construção inalienável, que traz para o cenário um possessivo nulo fonologicamente e a construção de posse externa dativa, a qual alterna com a construção genitiva.

A seção 3, por sua vez, concentra-se no *Um Flos Sanctorum* e organiza-se da seguinte forma. Na subseção 3.1 introduzimos o nosso documento arcaico; na subseção 3.2 descrevemos os usos dos possessivos pré-nominais *sa*, *sas*, *seu*, *seus*. Na subseção 3.3 olhamos as ocorrências do redobro *seu...dele*, enquanto na subseção 3.4 identificamos outros contextos que favorecem os usos das formas possessivas preposicionadas *dele(s)*, *dela(s)*. Na subseção 3.5, nossa atenção

1 Este trabalho resultou de uma especial oportunidade: a de participar de uma homenagem à nossa orientadora de doutorado, Profª. Dra. Charlotte Galves. Agradecemos aos colegas e ao corpo editorial da Revista Filologia e Linguística Portuguesa por terem tornado possível o projeto.

2 Há um grande volume de trabalhos discutindo a datação precisa da documentação arcaica. Para uma importante argumentação, cf. Martins 1999.

se volta para os clíticos possessivos *lhe/lhes*. Finalmente, na seção 4, redigimos nossa conclusão.

2 FATOS SOBRE O PB

2.1 As hipóteses

Nas últimas décadas os pesquisadores têm encontrado evidências de natureza conceptual e empírica para formular hipóteses e generalizações a respeito do português brasileiro (PB). Em relação às propriedades gramaticais, distribuição e interpretação dos pronomes possessivos de 3ª pessoa, alguns fatos são bastante conhecidos, como os que se seguem abaixo:

- I) Os rearranjos no paradigma dos pronomes pessoais nominativos com a entrada das formas *você, vocês*, levando à perda da distinção entre 2ª e 3ª pessoas na flexão verbal, afetam os usos das formas possessivas de 3ª pessoa, *seu, sua, seus, suas*.³ Essas passam a ser usadas para a 2ª pessoa nocional, coocorrendo com os possessivos *teu, tua, teus, tuas* (possuidor singular), e suplantando os possessivos *vosso, vossa, vossos, vossas* (possuidor plural)⁴.
- II) Os possessivos portugueses de 3ª pessoa são subespecificados quanto à categoria número, não distinguindo entre o possuidor singular e o possuidor plural. Entretanto, expressam, por flexão, o número e gênero do possuído, o que resulta numa relação assimétrica possuidor-possuído interna ao domínio nominal.⁵
- III) O possessivo *seu* é favorecido como forma anafórica na retomada do antecedente referencial de 3ª pessoa na fala formal e na variedade escrita em diferentes tipos de

3 Vamos nos referir ao paradigma completo dos possessivos de 3ª pessoa, através do termo *seu*. O paradigma dos possessivos perifrásticos será identificado pelo termo *dele*.

4 Em relação ao possessivo de 2ª pessoa do plural temos o seguinte quadro: (i) A forma perifrástica de *vocês* substitui a forma *seus* nos contextos com possuidor plural e possuído singular, como em (i); Entretanto, a forma *seus* ainda pode ser usada, embora numa versão bastante mais formal, com possuidor e possuído no plural, como em (ii):

(i) Senhores, o funcionário do banco vai verificar o extrato de vocês.

(ii) Senhores, o funcionário do banco vai verificar os seus extratos.

5 Mattoso Camara (2007, p. 121) discorre sobre a natureza substantiva (pronominal) e adjetiva dos possessivos, com base na concordância que se estabelece de um lado com o possuidor, de outro com o possuído. O comportamento morfológico dos possessivos leva Brito (2003) a igualmente propor uma dualidade categorial dos mesmos.

textos, incluindo o literário. O mesmo não se verifica na fala e escritas informais, quando a sua plena aceitabilidade se manifesta na relação com um antecedente de natureza quantificacional.

- IV) Estudos de natureza quantitativa evidenciam o avanço das formas possessivas perifrásticas, compostas pela preposição *de* e pelos pronomes pessoais *ele, ela, eles, elas*. Essas caracterizam-se por estarem comprometidas morfossintaticamente com o possuidor, estabelecendo com ele concordância flexional de pessoa, gênero e número.⁶

Os fatos acima mencionados motivaram duas diferentes hipóteses:

Hipótese 1 ou da substituição de formas. A inserção de *você/vocês* no sistema dos pronomes pessoais, substituindo *tu* e *vós*, altera os usos históricos do possessivo *seu*, ao criar uma marcante ambiguidade na retomada do possuidor de 3ª pessoa. A ambiguidade afeta o estatuto da variação *seu* e *dele*, que se resolve, na língua falada, pelo desaparecimento do possessivo *seu* de 3ª pessoa e implementação da forma *dele* no paradigma possessivo. A forma *seu* é usada para a 2ª pessoa nocional (Cf. Silva 1982, 1991, 1996; Perini 1985; Cerqueira 1993).⁷

Hipótese 2 ou da especialização de formas. As formas *seu* e *dele* não são equivalentes. Não há substituição de uma forma por outra, mas uma especialização condicionada pela semântica do antecedente – *seu* é a forma com comportamento de variável ligada na retomada de antecedentes não referenciais (quantificadores e genéricos); e *dele* é a forma escolhida para retomar antecedentes referenciais e expressar correferência (Cf. entre outros, Almeida 1993; Negrão & Müller 1996; Müller 1997; 2003; Menuzzi 1999, 2003a, 2003b).⁸ Observemos os dados abaixo, extraídos de Müller (1997). Em

6 A forma *dele* não é incorporada ao quadro dos possessivos pelos gramáticos tradicionais. Não é o caso das descrições gramaticais que contemplam os estudos linguísticos sobre o PB (Cf. Castilho 2010, entre outros).

7 Interessante lembrar que Mattoso Camara (1970, p. 121) registra que os possessivos *seu, sua, seus, suas* são adjetivos correspondentes ao ouvinte, atuando, pois, como determinante em expressões do tipo *seu livro* (o livro do senhor/ou o livro de você). Segundo Mattoso, isto criaria uma “ambiguidade incômoda” com a série *seu* de 3ª pessoa propriamente dita, como na expressão em sua opinião (a opinião dele/deles). Ele afirma: “O resultado na língua coloquial e mesmo na língua escrita em registro pouco formal é a eliminação da série *seu* para P 3, 6 e sua substituição neste caso por *dele*, etc., ou seja, o pronome pessoal substantivo de P 3, 6, sob a regência da preposição *de*.”

8 Ao longo do texto os conceitos de correferência e variável ligada serão melhor esclarecidos. Para uma apresentação e discussão pertinente da semântica e sintaxe das relações anafóricas entre sintagmas nominais (SNs) no PB, cf. Müller (1997, caps. 1 e 2) e Müller (2003).

(1), a relação possessiva se estabelece entre *seu* e um sintagma nominal quantificado (todo mundo); em (2), entre *seu* e um sintagma nominal genérico (o telégrafo). Em (3), com antecedente referencial (o Ziembinski), a forma usada é o genitivo *dele*.

- (1) “aquilo que a gente vê em filmes ou em fotografias: *todo mundo* ali á beira da calçada tomando *seu* chopes tomando *sua* cerveja ...” (NURC/SP-137) (p. 63. Ex.17)
- (2) “acho que *a televisão brasileira* ... irá encontrar *seu* caminho” (NURC/SP-255)” (p. 58. Ex. 11)
- (3) “... foi a primeira peça que *o Ziembinski* apresentou em toda a vida *dele* na carreira dele ...” (NURC/SP-161) (p. 58. Ex. 5)

2.2 Evidências empíricas e proposta de análise

2.2.1 A perda do possessivo *seu* de 3ª pessoa no PB falado

Silva (1996) apresenta uma discussão dos dados do *Corpus Censo*. O fenômeno investigado refere-se ao uso das variantes *seu* e *dele* no português do Rio de Janeiro.⁹ Para atingir seu objetivo de quando e como se dá a variação, a autora toma como ponto de partida, uma reflexão histórica: por volta do século XVIII, com a introdução da forma *você*, ocorre uma “convulsão” no sistema pronominal do português, envolvendo pronomes pessoais e possessivos. A forma *você* de 3ª pessoa morfológica e 2ª pessoa semântica tem como possessivo a forma *seu*.

Na perspectiva da pesquisadora tal fato torna o possessivo *seu* altamente ambíguo, de modo que duas estratégias entram em ação para o resgate da ambiguidade: a mistura de tratamento (*você/teu*) ou “a estratégia do genitivo *dele* tomar, cada vez mais, o lugar de *seu* na 3ª pessoa semântica, principalmente na língua oral” (p. 172).

Note-se que a preocupação com o percurso histórico dos possessivos já tinha sido revelado em Silva (1982), com a formação de *corpora* orais e escritos,

9 O *Corpus Censo*, do início do anos 80, reúne entrevistas com 48 falantes adultos da cidade do Rio de Janeiro, contemplando três dimensões de estratificação: (i) a faixa etária que vai de 15 a mais de 50 anos; (ii) o grau de escolaridade que vai da 1ª série do “primário” até o 2º grau, ou seja, atinge falantes que se situam socialmente a meio caminho entre os dois graus de escolarização: alfabetizados e universitários; (iii) os dois sexos: masculino e feminino. Os resultados que Silva discute em (1996), foram originalmente publicados em Silva (1991). Neste trabalho a autora reúne dados de corpus diversificado, incluindo os do *Corpus Censo*.

estes últimos contemplando um percurso que vai do século XV ao século XX, abrangendo tanto textos produzidos por portugueses como textos escritos por brasileiros. Observa-se que a autora teve a preocupação de selecionar, para o século XX, textos variados, entre eles, jornais, revistas, histórias em quadrinhos e fotonovelas, pressupondo que os diálogos poderiam refletir de modo mais contundente as ambiguidades.

O que nos chama a atenção em Silva (1982) é a sua descoberta fundamental de que a variação *seu* e *dele* apresentava um fator categórico: a generalidade do possuidor. Assim, o possessivo *seu* é usado de forma categórica com possuidores genéricos como em *Todos vão para seus lugares*, enquanto a forma *dele* é usada categoricamente com possuidor específico como em *João vai para o lugar dele*.¹⁰ Tal fator se manteve atuante até mesmo durante o percurso histórico analisado, ou nos diferentes tipos de textos (orais e escritos), em Portugal e no Brasil.

Vale ressaltar que, além do fator generalidade na rejeição da forma *dele*, a autora observa em suas amostras outras variáveis relevantes:

- (i) possuidor [+ animado] vs. [-animado] como em *O mecânico e as válvulas dele*, contrastando com *O coração e suas válvulas*. Assim, o traço [+animado] favorece a forma *dele* (PROB .79) e o traço [-animado] a desfavorece (PROB .21).
- (ii) A ambiguidade da forma *seu*, com base em 3 fatores:
 - a. Não ambíguo – O contexto linguístico desambigua o possessivo: *Esse rapaz não está em seu juízo perfeito*. Neste caso, a probabilidade de uso do *dele* é de .31;
 - b. Muito ambíguo – A ambiguidade entre *seu* de 2ª pessoa e *seu* de 3ª pessoa é muito forte e não se desfaz facilmente no contexto: *Ele continua insistindo com você que raptaram o seu pai*. A realização probabilística do possessivo *dele* (1,00), revela uso categórico.
 - c. Pouco ambíguo – O contexto extralinguístico desfaz a ambiguidade: *Ouçam: a sua língua deve ser a música*, referindo-se aos marcianos. Neste caso, a probabilidade de uso do *dele* é de .69;

Sob a perspectiva dos usos da forma *dele*, observa-se ainda um contraste percentual marcante, dependendo da modalidade oral e escrita da língua. Assim, enquanto nos textos escritos o percentual é de 14,1% (PROB .11), na oralidade o genitivo é favorecido e alcança 75% das ocorrências (PROB .89). Por outro lado,

¹⁰ A autora considera como “geral” os itens *todos* e *alguém*, ou os Sintagmas Nominais com quantificadores como *todo* (por ex. todo mundo); *cada* (por ex. cada pessoa) ou *qualquer* (por ex. qualquer um).

como pronome de 2ª pessoa, *seu* é praticamente categórico na língua falada, com 92% das ocorrências.¹¹

Voltando ao estudo de Silva (1996) com base no *Corpus Censo*, vemos que a frequência geral da forma *dele*, sem levar em conta nenhuma variável, é agora de 91,6% (1144/1249), quando era de 75% no *corpus* oral de 1982, acima mencionado. Segundo a autora, a alta percentagem de *dele* e o baixo percentual de *seu* (25%) devem ser atribuídos aos meios de comunicação oral e menor influência da língua escrita. Portanto, com o menor contato do falante com a forma *seu* de 3ª pessoa, a forma *dele* se torna cada vez mais natural: “Nossos falantes praticamente não lêem nem jornal, nem revistas e muito menos livros, mas assistem muito a novelas” (p. 176).

Quanto ao fator “generalidade”, o *Corpus Censo* leva a autora a refinar essa noção, propondo uma gradação que envolve dois extremos. Assim há, de um lado, os antecedentes totalmente gerais (ou indefinidos), entre eles, os quantificadores *todos*, *todo mundo*, *cada*, *alguém*, *qualquer*, categoricamente relacionados à forma *seu*. De outro, os itens completamente definidos e específicos que “propiciam drasticamente” o uso da forma *dele*. Na área de variação há um *continuum* envolvendo os indefinidos não referenciais (um cara), os definidos não referenciais (o cara), os definidos que expressam grupos de tamanho ilimitado (os padres, as crianças) e tamanho limitado (meus netos, meus alunos). Nessa área de variação, o percentual da forma *dele* vai de 53,5% a 95%.

A conclusão da Silva é a de que “na forma *dele* o falante evita o pronome *ele*, totalmente referencial, definido, e marcado quanto ao gênero, para servir como possessivo a um referente indefinido, sem referência, e geral quanto ao gênero” (p. 178).

Os exemplos em (4a-f), extraídos de Menuzzi (2003a, pp. 136-4), estão baseadas na intuição linguística do autor, e corroboram os achados de Silva, com relação à distribuição de *seu* vs. *dele*, levando em conta a natureza do antecedente:

- (4) a. Quem esquece {seu livro/(?)*o livro dele} em casa não quer estudar.
 b. Cada um deve fazer {sua parte/(?)*a parte dele}.
 c. Tudo o que é linguista vive tentando publicar {seus artigos/os artigos dele} na Linguistic Inquiry.

11 O *corpus* oral usado por de Silva (1982) é da década de 70 e compõe-se de gravações de entrevistas realizadas com universitários e de gravações com alfabetizandos do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Assim, o percentual de 75% no uso da forma *dele* resultou da reunião dois tipos de informantes, universitários e alfabetizandos, sem diferença percentual significativa entre eles.

- d. Muita atriz não esconde que {seu principal mérito / o principal mérito dela} é ser bonita.
- e. O João viu {seu retrato/o retrato dele} no jornal?
- f. Aquelas garotas nunca tinham confiado na {sua professora/professora delas}.

Os dados acima confirmam que, no contexto de quantificadores gerais do tipo *quem, cada*, o possessivo *seu* é categórico em detrimento da forma *dele* (1a-b). Com sintagmas indefinidos (1c-d), *seu* e *dele* podem alternar. Finalmente, com antecedentes referenciais definidos, *seu* se torna altamente desfavorecido (1e-f).

Por fim, Silva (1996) revela ainda que a variável [+ animado] continua atuando na frequência da forma *dele*, com os seguintes resultados: com possuidor humano a frequência é de 99,6% e com possuidor da espécie animal atinge os 100%. Por sua vez os possuidores [-animado] atingem o percentual de 89,3%. Os resultados finais de Silva (1996) podem ser assim resumidos:

- (i) sistema real escrito no Rio de Janeiro: 2ª pessoa seu (categórico); 3ª pessoa seu (70%); dele (30%);
- (ii) sistema oral real no Rio de Janeiro: 2ª pessoa seu (90%); teu (10%); 3ª pessoa seu (geral); dele (específico).

Tais resultados levam a autora a concluir que se pode “enterrar” a forma *seu* para a 3ª pessoa na língua oral, ficando seu uso reservado para a 2ª pessoa semântica. No entanto, como vimos, os resultados percentuais dependem da natureza mais ou menos definida do antecedente/possuidor. Os valores absolutos, categóricos só ocorrem nas duas pontas da “escala da referencialidade” por ela proposta.

Importante destacar que, para a hipótese da perda de seu de 3ª pessoa, Silva também não levou em conta o percentual de 70% obtido no sistema escrito. Acreditamos que a autora atribuiu este fato a fatores condicionantes da própria escrita, que não interferem no caminho da mudança já efetivada no vernáculo.

2.2.2 A interpretação dos pronomes: correferência e variável ligada

Müller (1997) interpreta os resultados de Almeida (1993) e Neves (1993) e os compara com os resultados de Silva (1992)¹². A autora conclui que os percentuais

12 Atualmente há um conjunto considerável de trabalhos, incluindo dissertações e teses, que tratam dos usos de *seu* e *dele* no PB. Neves (1993), em particular, toma como base os dados do *corpus mínimo* do Projeto da Gramática do Português Falado, o qual seleciona um inquérito de cada tipo (DID, EF, D2), do Projeto NURC, para as capitais pesquisadas: Rio de Janeiro, Salvador, Recife,

de usos da forma *seu* de 3ª pessoa no PB falado, respectivamente 25%, 45% e 68, 3%, não autorizam a tese do desaparecimento no PB falado. Ao contrário, o fato de que *seu* retome antecedentes quantificados é coerente com a hipótese da especialização em relação ao eixo da referencialidade: *seu* é uma forma pronominal com comportamento de variável ligada e *dele* é a forma pronominal capaz de estabelecer relações de correferência.

A literatura especializada mostra que, nas relação com o antecedente, um pronome é semanticamente correferencial, quando pode denotar o mesmo indivíduo denotado pelo antecedente. Por sua vez, como variável ligada, recebe uma interpretação que depende da denotação do antecedente. Assim, com antecedentes quantitativos, os quais não denotam indivíduos, um pronome só pode ser interpretado como variável ligada.

Ora, como discutido na seção anterior, o que se observa no PB é a possibilidade de alternar *seu* e *dele* com certos antecedentes não referenciais. Nesse caso, *dele* pode igualmente ser interpretado como variável ligada, como ilustra o exemplo em (5):

(5) *Todo pai acha que seu filho/o filho dele é o mais inteligente.*

Da mesma forma, o pronome *dele* pode ter as duas interpretações no contexto de antecedentes referenciais, o que pode ser comprovado nos testes de Elipse de VP. Assim, a sentença (6) abaixo é ambígua por apresentar duas leituras. Na chamada *leitura estrita* (strict reading), tanto a forma *d(ele)* elíptica, quanto a forma *d(ele)* denotam o mesmo indivíduo (leitura correferencial). Na *leitura relaxada* (sloppy reading), a forma elíptica e a forma expressa não denotam o mesmo indivíduo. Tal leitura é capturada pela interpretação de variável ligada do pronome. Nesse caso, o pronome tem que estar ligado a um antecedente apropriado, *João*, na primeira sentença, e *Maria* na segunda sentença.

(6) [[*O João telefonou para o amigo dele*] e [*a Maria também*]].

‘O João telefonou para o amigo dele, João, e a Maria também telefonou para o amigo dele, João (strict reading); o João telefonou para o amigo dele, João, e a Maria também telefonou para o amigo dela, Maria (sloppy reading).’

Os exemplos (5) e (6) são importantes em um sentido especial: revelam que, embora a especialização de formas seja uma hipótese correta para o PB

São Paulo e Porto Alegre. A autora apresenta uma relevante descrição a respeito destes usos.

falado, ela não pode ter um caráter categórico. Ou seja, a formulação correta da hipótese deve levar em conta que o possessivo *seu* é *favorecido* com antecedentes quantificados e a forma *dele* é *favorecida* com antecedentes referenciais. De fato, como ilustrado pelos exemplos (4c-d), a variação *seu* e *dele* ainda se efetiva num conjunto particular de expressões quantificadas. Da mesma forma, em (5) e (6) fica claro que a forma *dele* pode ser interpretada como variável ligada tanto com antecedentes referenciais como com antecedentes quantificados.

2.3 Condições discursivas para os usos de *seu* e *dele*

Neste artigo, seguindo Müller (1997), vamos assumir que o possessivo *seu* de 3ª pessoa não pode ser compatível apenas com a 2ª pessoa semântica no PB falado, uma vez que retoma sintagmas quantificados que são expressões de 3ª pessoa. Em particular, assumimos, nos termos de Menuzzi (1999), que o fato a ser considerado é o seguinte: o sistema pronominal do PB está passando por mudanças que fazem com que *seu* se torne desfavorecido como forma anafórica para antecedentes referenciais de 3ª pessoa. Este seria o traço inovativo do PB, diferenciando-o de outras línguas românicas, e deve estar adequadamente associado a duas questões: 1ª questão: por que *seu* se tornou desfavorecido na retomada do antecedente referencial? 2ª questão: por que a restrição é suspensa em situações discursivas apropriadas?

Para respondê-las, Menuzzi busca, primeiramente, um padrão das ocorrências de *seu*, a partir de um levantamento de dados na narrativa *Agosto* de Rubem Fonseca. Na análise destes dados, o autor separa as passagens narrativas e discurso indireto das passagens que ilustram a reprodução direta da fala dos personagens. Seus resultados mostram que, nos trechos narrativos, ocorre um alto percentual de uso do possessivo *seu* (94,5%). Ao contrário, nos trechos que reproduziam o discurso direto, *dele* é favorecido, atingindo o percentual de 85,4%, enquanto *seu* se refere principalmente à 2ª pessoa (90,8%). A nosso ver, tais resultados tornam bastante evidente o fato de que o possessivo pré-nominal de 3ª pessoa é favorecido na língua escrita, dependendo do gênero textual. Observe-se ainda que os achados de Menuzzi reproduzem percentualmente a marcante diferença entre fala e escrita já revelada nos dados de Silva, quanto aos usos de *seu* de 2ª e 3ª pessoas.

Naturalmente o uso robusto de *seu* de 3ª pessoa na escrita sempre pode ser atribuído a efeitos da pressão normativa, embora esta explicação seja apenas parcialmente verdadeira. Seguindo Ariel (1990, 1994), Menuzzi observa que em *Agosto* a forma *seu* com antecedente referencial de 3ª pessoa é licenciada sistematicamente por condições discursivas especiais, definidas como *Princípios de Acessibilidade*, que se estabelecem entre o antecedente e o anafórico, nos seguintes

termos: (i) distância estrutural entre eles (o antecedente está na mesma sentença do anafórico); (ii) competição entre os possíveis antecedentes do anafórico; (iii) saliência do antecedente (tópico ou não tópico); (iv) antecedente e forma anafórica dentro da mesma unidade discursiva, ou seja, *seu* é um marcador do ponto de vista do narrador. Nenhum destes fatores condiciona o uso do genitivo *dele*.

Igualmente relevante, nos moldes de Ariel, é a atuação discursiva da *Escala de Marcação da Acessibilidade*, segundo a qual o que um SN codifica em sua forma é o nível de acessibilidade de seu antecedente. O princípio atuante é o seguinte: quanto menos marcado é um SN, ou seja, quanto menos uma forma pronominal expressa os traços gramaticais do antecedente, mais acessível o antecedente deve ser em termos funcionais. Como sabemos, *seu* é uma forma mais econômica ou menos informativa do que a forma *dele*, no sentido em que não especifica o número (e gênero) do antecedente/possuidor, mas apenas o traço de pessoa. Assim, a predição que a escala da acessibilidade faz é a de que *seu* está mais alto na escala do que *dele*. Ou seja, *seu* é discursivamente “marcado” para retomar os antecedentes referenciais mais acessíveis estruturalmente e mais ricos morfologicamente.

Como Menuzzi observa, a baixa frequência de *seu* com antecedentes referenciais de 3ª pessoa no PB falado sugere que este tipo de registro não proporciona as condições discursivas apropriadas para a ocorrência desta forma.

Menuzzi reporta ainda que falantes nativos testados concordam com as escolhas anafóricas do narrador em *Agosto*, e reconhecem que, em alguns casos, a forma *dele* não seria aceita em variação com a forma possessiva. Ou seja, estes julgamentos revelam uma competência discursiva/narrativa do falante nativo e o fato de que *seu* e *dele* não são equivalentes.

2.4 O estatuto sintático do possessivo *seu* de 3ª pessoa no PB

Na pesquisa linguística recente, um dos fenômenos mais discutidos é aquele que se refere ao licenciamento sintático dos pronominais e anáforas de 3ª pessoa. No caso do PB, alguns pesquisadores argumentam que o possessivo *seu*, o pronominal sujeito nulo (pro) e os reflexivos *se/si* são anáforas de 3ª pessoa: estão todos ligados à interpretação de variável ligada.¹³ Em particular, *seu* se destaca pelas seguintes propriedades em sua distribuição sentencial.

(7) a. Requerem um antecedente sintático de 3ª pessoa (referencial ou quantificado);

13 Cf. Figueiredo Silva (1996); Negrão & Müller (1996); Menuzzi (1999, 2003a,b); Modesto (2010); Rodrigues (2010)

- b.** São desfavorecidos com antecedentes referenciais, mas não com antecedentes quantificados;
- c.** Apresentam exigência estrutural de c-comando do antecedente.

Os familiarizados com a teoria sintática atual sabem que c-comando é a restrição estrutural básica para a interpretação de uma forma anafórica como variável ligada, e se expressa em duas cláusulas: a) um pronome só pode ser interpretado como variável ligada a um antecedente, se for c-comandada por ele; b) um item c-comanda o outro se ambos forem dominados pelos mesmos constituintes máximos (S, SN, SV, SP)¹⁴. Vejamos os exemplos abaixo, adaptados de Menuzzi (2003b, p. 211): os quais expressam a atuação do c-comando.

- (8) **a.** [_S *Quase todo rapaz* se preocupa com *sua* namorada].
b. ??*[_S A mãe de [SP *quase todo rapaz*] se preocupa com *sua* namorada]].

O contraste entre as sentenças gramaticais (8a-b) evidencia que *seu*, para ser interpretado como variável ligada, tem que ser c-comandado pelo antecedente na estrutura de superfície. Em (8a) a posição estrutural do constituinte *quase todo rapaz* permite que o mesmo seja antecedente de *seu*. De fato, a primeira projeção máxima, a sentença, que domina o possuidor domina também o constituinte que contém a forma possessiva. O mesmo não ocorre em (8b) Neste caso, o constituinte *quase todo rapaz* está numa posição estrutural no interior do sujeito sintático, e a primeira projeção máxima que o domina, o sintagma preposicional (SP), não domina o possessivo.

Vejamos a seguir o contraste expresso em (9a-b). Aqui não estamos diante de uma violação da restrição de c-comando entre o antecedente e o possessivo, uma vez que, em ambas as sentenças, a estrutura é a mesma. Como acima discutido, o que está em jogo é o fato de que *seu* está se tornando altamente desfavorecido com antecedentes referenciais na língua falada. Como explicar sintaticamente o contraste expresso em (9a-b)?

- (9) **a.** ??* *O veterinário* tratou o *seu* gato com antibióticos.
b. *O veterinário* tratou o gato *dele* com antibióticos .

14 S= Sentença
 SN=Sintagma Nominal
 SV=Sintagma Verbal
 SP=Sintagma Preposicional

Sem dúvida, a Condição da Cadeia, tal como formulada por Reinhart (1983), Reinhart & Reuland (1993) e Reuland (2001), tem sido um instrumento eficiente para serem entendidas as restrições sintáticas que se aplicam tanto às cadeias argumentais (A-chains), quanto às dependências anafóricas. Informalmente, pode-se dizer que, nas dependências anafóricas, apenas o antecedente, a cabeça da Cadeia-A, pode ser um argumento com um conjunto de traços gramaticais, ou seja, traços de pessoa, número, gênero e Caso estrutural. Ora, como discutimos na seção anterior, o possessivo *seu* é morfossintaticamente “pobre”, de modo que a cadeia (o veterinário, seu) deveria ser possível. Ao contrário, a cadeia (o veterinário, dele) não poderia formar uma boa cadeia, uma vez que ambos os constituintes são “ricos” em termos do conjunto de traços gramaticais.¹⁵

Aplicando teste semelhante a seus dados, Menuzzi (1999) observa que os efeitos da Condição da Cadeia não são absolutos nas dependências anafóricas, mas relativos à localidade desta dependência. Assim, uma dependência que cruza a fronteira de um SN objeto direto nas sentenças transitivas, como é o caso de (9a), não satisfaz a exigência da localidade para anafóricos no PB. Como o autor observa, a Teoria da Cadeia parece buscar o equilíbrio entre a localidade da dependência e o conteúdo morfossintático da forma anafórica, nos moldes dos princípios da Teoria da Acessibilidade, a qual busca o equilíbrio entre a acessibilidade do referente no discurso e a “marcação” do dispositivo anafórico que o retoma. A hipótese é que a sintaxe interpreta exigências de acessibilidade discursiva como exigências sintáticas. Naturalmente, a Teoria da Cadeia não se reduz à Teoria da Acessibilidade, uma vez que os primitivos que ambas contemplam são distintos: a primeira lida com objetos sintáticos, cadeias de movimento, e só analogicamente se aplica às dependências anafóricas.

2.5 Conclusão parcial

Os fatos de natureza semântica, sintática e discursiva apresentados são bastante reveladores da natureza do possessivo *seu* de 3ª pessoa no PB atual, a saber, o seu comportamento como uma anafóra de 3ª pessoa, tanto na retomada do antecedente referencial, ainda produtivo na língua escrita, como na retomada do antecedente quantificado.

15 A Teoria da Ligação, proposta em Chomsky (1981, 1986) estabelece as condições de ligação canônicas, misturando fatores de natureza semântica e sintática. Posteriormente, ambas as versões foram reelaboradas por Reinhart (1983) e Reinhart & Reuland (1993) (Cf. Muller 1997, 2003 para apresentação e discussão). Cf. também Reuland (2001) para uma iluminada discussão sobre pronomes e anáfora, num paralelo com a teoria minimalista da checagem de traços.

Nesses termos, a reanálise do possessivo *seu* não está unicamente condicionada aos rearranjos do sistema pronominal nominativo, os quais introduziram as formas nocionais *ocê, vocês*, mas ao seu estatuto de forma menos marcada, quando comparada não só ao genitivo *dele*, mas ao possessivo *seu* de 2ª pessoa. Como vimos, as formas mais econômicas morfossintaticamente são favorecidas para a interpretação de variável ligada. Em outras palavras, com a entrada de *ocê/você*, no quadro dos pronomes pessoais ocorre a perda da distinção entre 2ª e 3ª pessoas do sistema flexional. Com isso o possessivo *seu* que já era uma forma ambígua, subespecificado na expressão de número do possuidor, se torna ainda mais ambíguo, uma vez que seu traço de pessoa não mais expressa unicamente a 3ª pessoa. No entanto, o uso pronominal de 2ª pessoa pode ser explicado, se consideramos que *seu* de 2ª pessoa nocional codifica pessoa e número (singular) do antecedente (*ocê*), podendo ser correferencial ao antecedente. De fato, o sistema pronominal possessivo utiliza a forma perifrástica *de vocês* para expressão da 2ª pessoa do plural.

2.6 Possessivo nulo e posse inalienável

A relação de posse entre dois constituintes envolve, porém, muitos outros complicadores de natureza semântico-cognitiva, expressos nas diferentes relações que se estabelecem entre o possuidor e o possuído, entre elas, a da chamada posse inalienável. A posse inalienável “inerente” envolve normalmente um constituinte que se refere a partes do corpo e à relação parte-todo. Pode igualmente abranger a posse relacional, a qual se refere aos diferentes tipos de relações familiares próximas. Outros constituintes entram numa relação de posse inalienável “estendida”, condicionada pelas diferentes línguas. Esse é o caso dos que se referem a objetos pessoais como carro, casa, computador, jóias, roupas, etc.

Vale ressaltar que nas chamadas construções inalienáveis com o argumento possuidor na posição de sujeito sintático e argumento inalienável na posição de objeto direto, ou no interior de complemento preposicionado, o PB recorre a uma estratégia particular: o uso de uma categoria nula, como exemplificado em (10a-c). Nesses contextos, a forma nula pode alternar com o genitivo *dele*, qual expressa morfossintaticamente os traços (11a-c). Vale ressaltar que, embora informe obrigatoriamente o traço de 3ª pessoa do antecedente, a forma nula não informa os traços de número e gênero do constituinte inalienável, os quais são codificados morfossintaticamente nos artigos definidos, obrigatórios para a definitude do SN. Por sua vez, como já mencionado em outros pontos deste trabalho, a forma *dele* codifica os traços gramaticais de pessoa, número e gênero do possuidor

- (10) a. Sally_i amamenta [o cv_i bebê] o dia todo.
 b. Sally_i visitou [os cv_i pais] no mês passado.
 c. Sally_i lava [os cv_i cabelos] com xampu importado.
- (11) a. Sally_i amamenta [o bebê dela_i] o dia todo.
 b. Sally_i visitou [os pais dela_i] no mês passado.
 c. Sally_i lava [os cabelos dela_i] com xampu importado

Qual o estatuto sintático e semântico do possessivo nulo? Levando em conta a análise que assumimos para o possessivo *seu* de 3ª pessoa no PB, nossa proposta é a de que também a forma nula se comporta como um “anafórico” de 3ª pessoa, obrigatoriamente interpretada como variável ligada.¹⁶

Primeiramente, vemos que a forma nula exige c-comando do antecedente dentro de um domínio local. Assim, as sentenças em (12a-b) não são boas, porque o domínio local em que a forma nula deve ter o antecedente que a c-comanda é o da primeira oração, na qual ela está contida (cf. 10a-c). Os exemplos em (12a-c) seriam bons, se o antecedente do anafórico fosse *Maria*, ou seja, o antecedente mais próximo dentro do domínio local, neste caso, a sentença subordinada.

- (12) a. * A Sally_i acha [que [a Maria amamenta [o cv_i bebê] o dia todo]]].
 b. * A Sally_i acha [que [a Maria visitou [os cv_i pais_i]]].
 c. * A Sally_i acha [que [a Maria lava [os cv_i cabelos_i] com xampu importado]]].

Além disso, a forma nula favorece fortemente a leitura relaxada (*sloppy reading*), que como vimos na seção (2.2.2), leva à interpretação de variável ligada dos pronomes e anáforas. De fato, a leitura estrita (*strict reading*) é muito difícil

16 Segundo Rodrigues (2010), os possuidores nulos são cópias criadas por movimento-A, ou seja, são casos de alçamento de possuidor através de posições temáticas, como representado na estrutura em (ia-b). Para uma proposta de análise nos mesmos moldes cf. Floripi (2003) e Nunes e Floripi (2009). Para uma bordagem dos possessivo nulo como variável ligada por um antecedente em posição A' no interior do SN, cf. Modesto (2000).

- (i) a. O Ronaldinho₁ cortou o cabelo e₁
 b. [_{TP} [o Ronaldinho]₁] [_{VP} t₁ cortou [DP o cabelo t₁]]

Para uma proposta de análise das construções inalienáveis no francês, cf. Vergnaud & Zubizarreta (1992). Para uma abordagem comparativa das mesmas construções no PB, cf. Modesto (2010, cap. 5). Para um estudo de vários aspectos relacionados aos possessivo no português, incluindo a perspectiva comparativa com o francês, cf. Míguez (2004).

de ser obtida no contexto da posse inalienável incluindo a posse relacional. Vejamos o exemplo em (13). Para nós, neste exemplo, a única leitura a ser obtida é a da identidade relaxada. Ou seja, a interpretação estrita ou correferencial não parece ser possível.

(13) A Sally visitou os pais e a Maria também

‘A Sally visitou os pais dela, a Sally, e a Maria também visitou os pais dela, a Maria.’

Infelizmente não temos estudos quantitativos que possam revelar se há um favorecimento da categoria nula no BP falado e escrito. No entanto, com base na nossa intuição de falantes nativos, e com base no que foi discutido a respeito dos anafóricos de 3ª pessoa, podemos fazer a seguinte generalização: nos contextos de variação *seu* e *dele* a forma mais “pobre” morfologicamente é favorecida para ser interpretadas como varável ligada. Nesses termos, a categoria nula se torna especializada para retomar o possuidor nos contextos em que se estabelece uma relação de posse inrente.

2.7 A posse dativa e genitiva

Acreditamos, porém, que a descrição das estratégias da expressão possessiva no PB, envolvendo *seu* e *dele* pode ser enriquecida se a colocamos dentro de um universo mais amplo que envolve os dativos de posse. De fato, a entrada do genitivo *dele* como estratégia alternativa para os dativos *lhe/lhes* podem constituir um novo cenário para a generalização da forma na história do PB. Voltamos a esse assunto na seção 3.

Vale lembrar primeiramente que as mudanças no sistema dos pronomes pessoais no PB tiveram um alcance maior que se reflete na codificação do objeto indireto, nas estruturas projetadas por verbos ditransitivos, entre eles, *dar*, *enviar*, *levar*, *preparar*, *desenhar*. Nas estruturas ditransitivas, os clíticos *lhe/lhes* de 3ª pessoa são substituídos pelas expressões preposicionadas *a/para ele(s)*, *a/para ela(s)* (Cf. entre outros, Galves, 2001; Galves & Abaurre, 2002; Gomes, 2003; Freire, 2011; Torres Morais & Berlinck, 2006; Torres Morais, 2007; Torres Morais & Salles, 2010). Vejamos os exemplos em (14a-b).

- (14) a. O José enviou-*lhe* uma carta de amor.
b. O José enviou uma carta de amor *pra ela*.

Da mesma forma, investigações em corpus histórico do PB revelam a queda percentual dos dativos de posse *lhellhes* nas estruturas transitivas e inacusativas. Em particular, no contexto de verbos transitivos dinâmicos, entre eles, *beijar*, *lavar*, *levantar*, *operar*, *pentear*, e de verbos estativos, entre eles, *admirar*, *elogiar*, *interpretar*, *invejar*, observa-se a implementação da variante genitiva *dele*, *dela*, *deles*, *delas* em substituição aos pronomes *lhellhes* dativos. (Cf. Barros, 2006; Torres Morais, 2007). A alternância dativa/genitiva no PB está ilustrada em (15a-b).¹⁷

Observe que o uso do *seu* é agramatical, na interpretação relevante, uma vez que remete a um possuidor que não atua como antecedente que o c-comanda, confirmando, pois, a sua natureza de variável ligada.

- (15) a. O José lavou- *lhe* o carro. (*lhe* = da vizinha)
 b. O José lavou o carro *dela*. (*dela*= da vizinha)
 c. * O José lavou o *seu* carro. (*seu*= da vizinha)

Os fatos da alternância dativa/genitiva constituem novas evidências para a hipótese de que, no PB, *dele* é favorecido não apenas nos contextos de posse (in)alienável com antecedente nominativo, como exemplificamos em (10-12), como também nos contextos de posse nos quais substituí os dativos *lhellhes*. Assim, a construção de posse externa dativa (15a) caracteriza-se por ter um pronome dativo de 3ª pessoa que, embora atuando sintaticamente como um argumento do verbo (OI), é interpretado como possuidor de um argumento acusativo (o carro). Na contraparte genitiva (15b), porém, *dele* é um argumento pronominal, gerado e licenciado no interior do SN complexo (o carro dela).

3 ESTRATÉGIAS DE POSSE NO “UM FLOS SANCTORUM”

3.1 Informações sobre o documento

Como acima mencionado, um dos nossos objetivos neste texto é identificar, descrever e exemplificar algumas estratégias de expressão da posse, tais como se apresentam no *Flos Sanctorum*. Para isso, consideraremos os usos do possessivo *seu* de 3ª pessoa, os contextos que licenciam os possessivos dativos *lhellhes*, os usos da forma *dele* com verbos de movimento que selecionam um argumento origem, o redobro *seu...dele*, e as ocorrências de possessivo nulo.

17 Para uma proposta de análise dessas construções dentro da teoria dos núcleos aplicativos altos e baixos, proposta por Pylkkanen (2002), cf. Torres Morais (2007) e Torres Morais & Salles (2010).

Machado Filho (2003), no capítulo I do Volume I de sua tese de doutorado intitulada *Um Flos Sanctorum – edições, glossário e estudos linguísticos*, afirma que o documento por ele escolhido para ser editado é um documento fragmentário, de caráter hagiográfico, escrito em pergaminho, paleograficamente datável do século XIV. Trazido ao Brasil, em 1950, por Serafim da Silva Neto, juntamente com a versão mais antiga em português dos *Diálogos de São Gregório* e do *Livro das Aves*, integra, desde 1964, juntamente com os dois outros documentos citados, o acervo da Divisão de Coleções Especiais da Biblioteca Central da Universidade de Brasília.

Um Flos Sanctorum é hoje constituído de 81 folhas, sendo ainda controversa a origem de sua produção. No entanto, esse último aspecto não foi empecilho para o filólogo, na medida em que os indícios paleográficos patentes no documento revelariam que se trata de uma cópia de outra versão desaparecida, escrita em linguagem, e não de uma cópia de um original latino.

Escolhemos o documento por seu caráter inédito até o momento das recentes edições (paleográfica e interpretativa) realizadas por Machado Filho.

A nós parece-nos um documento de grande interesse, por ainda ter sido pouco explorado linguisticamente, em particular, no que diz respeito ao sistema dos pronomes possessivos de 3ª pessoa. Por outro lado, os possessivos arcaicos têm sido foco de grande interesse na pesquisa recente, e nos serviremos de alguns estudos de natureza histórica ou comparativa, para nossa abordagem do *Flos* (Cf. Mattos e Silva, 1989, 2008; Brito, 2003; Miguel, 2004; Castro, 2006, entre outros).¹⁸

Lembramos que a escolha da versão interpretativa do documento se justifica pela razão óbvia de que a mesma nos possibilitou contornar as dificuldades de natureza paleográfica.

3.2 Os possessivos pré-nominais

O que primeiramente nos chama a atenção no *Flos* é o fato de que as construções com os possessivos *seu(s)* (para nomes-possuído masculinos) e *sa(s)* (para nomes-possuído femininos) são as mais frequentes no documento.¹⁹ A interpretação é

¹⁸ Machado Filho (2003, vol. IV) apresenta um estudo detalhado sobre a trajetória dos pronomes anafóricos *h(i)* e *en(de)* com base no *Um Flos Sanctorum* (Cf. também Ribeiro, 2010, para outras incursões no documento).

¹⁹ Foram encontradas 454 ocorrências da forma *seu*; 295 ocorrências da forma *seus*; 470 ocorrências da *sa* e 106 ocorrências da *sas*.

sempre de 3ª pessoa; para a 2ª pessoa, usam-se os possessivos *teu/ta* (possuidor no singular) ou *vosso/vossa* (possuidor plural ou de reverência)²⁰.

Em (16a-e) os dados evidenciam que o possessivo *seu* é a forma escolhida para retomar antecedentes referenciais em marcante contraste com o PB falado. Note-se, porém, um fato muito interessante. Na grande maioria dos dados levantados, encontramos a expressão da posse inalienável. Ora, como sabemos, esse tipo particular de relação possessiva não permite a leitura estrita e exige c-comando do antecedente no nível sentencial. Na narrativa do *Flos*, porém, podemos considerar que os efeitos dos princípios de Acessibilidade é que estão atuando nas dependências anafóricas entre *seu* e o antecedente *possuidor*, nos moldes do que discutimos na seção 2.3.

- (16) a. {F63rC1} E pois a madre vio que o nō podia reteer, leixou-oir. E e foy-se pera o ermo e despendeu toda sa vida em muyta negligença, ca nem orava, nem guardava seu seenço, nem fazia sas esteenças, nem chorava seus pecados, nem dos outros pecadores, assi como ermitã e homem apartado do mundo devia a fazer.
- b. {F54rC2} ... e fez voto a Deus que naquel logar entraria e por monge pera servir a Deus e fazer enmenda dos seus pecados que havia feytos. Depos esto tornou-se pera sa casa e caeu logo em hu)a enfermidade tã grande de que morreu. E os seus parentes e os seus amigos e os outros que o conheciam desasperavam de sa salvaçõ.
- c. {F76rC1} E entõ sem nehu)a detardança, a gloriosa virgem sancta Olalha julgou os tortos e as desonras que fezerom ao seu servo em esta manera. Jazendo

20 Ilustramos os usos de *teu/ta* abaixo, exclusivos para expressar a 2ª pessoa do singular (Tu), recuperada na flexão verbal.

- (i) a. {F67rC2} E o homem boo lhi disse:
– Filho, torna-te sempre pera ta cela e trabalha sempre com tas mãos em boa obra e, depois que desto cansares, fazi ta oraçom. E todo teu cuydado sempre o pom em Deus e nō te engane ne) guu) per ne)hu)a manera pera sayres de ta cela, ca nunca te ende bem acharás.
- b. {F3vC2} – Filho, onde é este fedor que saay de teu corpo e onde sō aquestes vermeens de que é cheo teu leyto?

Por sua vez, o exemplo abaixo ilustra o uso de *vossos, vossas* para o possuidor plural ou de reverência (Vós), igualmente expresso por flexão verbal.

- (ii) {F48vC1} – E depois que hi entrey, ouvy que deziã na eigreja em hu)a propheta do propheta Ysaías: "Lavade-vos, seede limphos, tolhede toda maldade de vossas almas e nō peresca ante os meus olhos, quedade ja de fazer nemiga e aprendede pera fazer bõas obras e eu vos perdoarey todos vossos pecados".

Leouegildo, princepe maõ e cruevil de que suso falamos, hu)a noyte dormindo em seu leyto, apareceu-lhi a gloriosa sancta Olalha e deu muytos açoutes em sas costas...

d. {F37vC1} E o sancto bispo a que el esto contava deu grandes graças a Deus porque livrou os seus servos de tantos perigoos e mandou todo esto dizer a Claudio, governador da cidade...

e. {F31rC1} E aveo depois que aquel nobre homem de que suso falamos com sa mo-lher viverom em castidade e em temor de Deus todo tempo de sa vida. E a cabo de pouco tempo foram-se pera a gloria do parayso e todo seu patrimonio ficou a sam Paulo, bispo de Merida, de que suso falamos.

Os dados ilustram ainda um outro fato: *Um Flos Santorum* se identifica como documento arcaico na medida em que confirma o estatuto morfossintático do possessivo pré-nominal de 3ª pessoa, já registrado em vários outros textos da mesma fase. De fato, *seu* expressa concordância morfológica de número e gênero (masculino ou feminino) com a coisa possuída; porém, não expressa a distinção singular/plural do possuidor, podendo fazer referência a um só possuidor (16a-d) ou a vários (16e), embora sempre de 3ª pessoa.

Fora de contexto, portanto, o nome possuído, no singular ou no plural, pode designar tanto um como mais de um possuidor.

Encontramos também no nosso documento o possessivo *seu* retomando antecedentes quantificados, não referenciais (17a-c) e indefinidos (17d). Esse fato é relevante para a história do português, por evidenciar que o estatuto de variável ligada na retomada do antecedente quantificado já se manifesta na fase arcaica da língua.

(17) **a.** {F13rC2} Vymos em Thebayda huu) moesteiro de sancto Isidro de gram nomeada, cercado de muy gram muro assi que bem cabiam hi mil celas e ante cada hu]a cela havia seu poço;

b. {F29rC2} E deziam-lhi:

– Cruvel, porque diz a escritura: “cruvel é quem nõ cura de sa fama”.

c. {F79vC2} E o emperador mandou fazer a cada hu)u) sa arca douro em que possessem o corpo de cada hu)u).

d. {F81vC2} E teendo-a ja pera soterrarem-na, apareceu hu)u) homem muy fremoso e viinha pelo deserto des contra a eigreja de sam Fijz. A sa cara esplandecia come o sol e as sas vestiduras eram tâ brancas come a neve.

Neste ponto, podemos tirar algumas conclusões: (i) o pronome *seu/sa* arcaico não se diferencia do *seu* de 3ª pessoa na fase atual do português, no que se

refere à expressão morfossintática dos traços gramaticais do antecedente/possuidor; (ii) nos moldes da investigação feita por Menuzzi (1999) na narrativa *Agosto*, entendemos ser possível fazer uma previsão para a distribuição do possessivo *seu* arcaico, nos seguintes termos: como *seu* é “menos informativo” do que a forma *dele*, na medida em que não especifica número de seu antecedente, ele está mais alto na Escala da Marcação de Acessibilidade e, portanto, sujeito às exigências de acessibilidade de seu antecedente; (iii) o possessivo *seu* arcaico, ao contrário dos possessivos de 1ª e 2ª pessoas (dêiticos), é um pronome que possui um antecedente e pode expressar dois tipos de interpretação: correferência e variável ligada.

3.3 O redobro seu... dele

Embora *seu* seja a forma possessiva de 3ª pessoa, o perifrástico *de+ele* já está atuante nos textos arcaicos. *Flos* não é uma exceção, de modo que a forma foi encontrada não apenas no contexto de verbos transitivos e intransitivos, quando então atua como complemento/adjunto oblíquo, mas também em contextos de posse. Um desses contextos é o que tem sido nomeado de redobro *seu...dele*. O outro contexto mostra que *seu* e *dele* atuam como variantes, embora sejam poucos os registros desse uso.

Com respeito ao redobro *seu...dele*, podemos iniciar nossa apresentação trazendo duas importantes afirmações de Castro (2006) a respeito da documentação arcaica. A primeira, já encontrada em outros pesquisadores, em particular, Mattos e Silva (1989, 2008), é a de que a construção *seu...dele* configura uma estratégia para desambiguar o possuidor e, mais raramente, para expressar a ênfase; a segunda é a de que a construção está restrita à 3ª pessoa. Segundo Castro, a restrição do redobro *seu...dele* à 3ª pessoa evidencia que se trata de uma construção de redobro do possessivo (como no espanhol e português europeu modernos) e não um redobro de clítico possessivo, como no francês moderno.

No nosso entender, a ambiguidade da forma *seu* resulta de condições impostas pelo contexto linguístico e extralinguístico, aliada ao fato de *seu* se apresentar como uma forma subespecificada para os traços de número (singular/plural) do possuidor, em oposição à forma *dele*. De fato, Castro confirma a inexistência no PA de um sistema de formas possessivas simples de 3ª pessoa, com expressão morfossintática de número, similar ao francês *son/sien* vs. *leur*, italiano *suo* vs. *loro*, catalão antigo *sua* vs. *llur* e espanhol antigo *su* vs. *lur*. Tal paralelo entre o PA e outras línguas românicas a levam a sugerir que o redobro constitui a fonte da entrada da forma *dele* como pronome genitivo de 3ª pessoa, incluído no paradigma dos pronomes possessivos, da mesma forma que *leur* e *loro* pertencem ao paradigma dos possessivos em francês e italiano respectivamente.

Muito interessante é a constatação de que, nessas duas línguas, não há uma forma possessiva preposicionada. Nesses termos, fica estabelecida uma dicotomia entre as línguas românicas: de um lado, o português, galego, espanhol e catalão modernos; de outro o francês e o italiano.

No *Flos*, o redobro *seu...dele* é, porém, pouco produtivo, totalizando apenas 8 ocorrências. No entanto, elas nos pareceram suficientes para evidenciar o favorecimento da estratégia nos casos em que se estabeleceu uma relação de posse entre possuidor plural e possuído singular. Da mesma forma, o redobro foi favorecido na presença de dois ou mais referentes, os quais poderiam ser interpretados como possíveis antecedentes do pronome. Finalmente, um outro aspecto nos chamou a atenção: o redobro parece ter sido favorecido na expressão da posse inalienável, envolvendo SNs nucleados por nomes como *virtude*, *rogo*, *maldade*, *doença*, *mal*. Ambas, a ambiguidade e a posse inalienável, estão ilustradas em (18a-e).

(18) a. {F50vC1} Per este exemplo que se segue aparece que muytas cousas faz Deus polos seus servos sem sa voontade deles.

b. {F29vC2} E porque hi havia hu)a molher viuva que havia nome Eusebia de boo logar e muy sancta e desejava muyto a veer aquele abade porque lhi disserom que era muy sancto, mandou-o rogar per muytos homens boos que a visse. E porque ele nunca quis consentir a seu rogo deles que a visse, rogou ela ao prelado da eigreja de sancta Olalha...

c. {F37vC1} Entó mandarom dizer ao sancto homem, que estava em sa casa, que se veesse pera o adro ca hi o atendiam eles. E o sancto homem, temendo-se de maldade sua deles, mandou dizer a Claudio (...), que logo se veesse a ele.

d. {F46rC1} E chegando-se o tempo de parir *preguntarom-na* de quem era prenhe. E ela disse:

– Aquel monge que ali mora soo me houve de virgiidade e emprehou-me assy como veedes.

E entó os parentes seus dela prenderom-me e tirarom-me da casa em que eu siia ascondudo trabalhando com mhas mãos e trouverom-me pera a rua pera mi fazerem escarnho.

e. {F74vC1} Que posso dizer dos senadores Nepociam e Proseria, sa molher, senó que assi como eram juntados per huu) casamento e assi como per sas voontades que devem a haver o marido e a molher eram hu)u) corpo, assi ambos haviam hu)u) enmiigo que em eles entrava.

E este enmiigo cuidava que ne)guu) nó havia dereyto sobrelos seus corpos, senó el soo. E pois andarom per muytos sanctos que eram em desvayradas terras e a sa doença e o seu mal deles foy apregoado per aquelas terras muytas e desvayradas, per

que eles andarom pedindo mercee aos sanctos que naquelas terras havia, aa cima trouverom-nos a aqieste glorioso sancto.

Em (18a), o conflito dos traços de número se expressa entre os termos seus servos, e sa vontade, ou seja, a vontade que cada servo possui. Ao mesmo tempo há dois possíveis antecedentes para o possessivo *sa*: *Deus* e *seus servos*. A forma *deles se* apresenta, portanto, como recurso para expressar morfologicamente o número e gênero do possuidor.

O exemplo (18b) é interessante porque mostra a atuação do clítico dativo *lhi* e dos clíticos acusativos *os, a*, na identificação das relações anafóricas, envolvendo os personagens dentro da narrativa, isto é, os antecedentes do possessivo pré-nominal. Apesar disso, o redobro do possessivo *seu*, no interior do nominal *seu rogo*, aparece como a estratégia para desambiguar os possíveis possuidores, um no singular, *Eusebia*, e outro no plural, *muytos homens boos*. Na presença do genitivo *deles*, fica claro que os homens bons expressaram o rogo deles ao abade, embora estivessem realizando o pedido que Eusebia lhes fizera.

Os dados (18c-d) apresentam uma atuação do redobro que pode ser entendida mais como um uso enfático do que como uma estratégia para desambiguar o possuidor. Note-se que ambos são particularmente interessantes por ilustrarem casos de redobro com o possessivo em posição pós-nominal.

Já os dados em (18a) e (18e) revelam outro aspecto: o redobro não manifesta restrição quanto à tonicidade do possessivo, incluindo a variante átona feminina *sa(s)*.²¹

Finalmente, encontramos o trecho exemplificado em (19), mostrando um uso do redobro apenas na primeira ocorrência da expressão possessiva, *a sa vontade deles*, em oposição às expressões *seu vasssalo (deles)* e *sas mãos (deles)*, embora todas elas denotem o possuidor plural *os sergentes do Inferno*. A presença de mais

21 O parecerista entendeu que alguns dados do redobro precisariam ser revistos já que mostram *dele* com comportamento ambíguo. Abaixo vão as suas considerações:

(13b) “deles” pode ser um constituinte do VP, isto é, argumento oblíquo de “consentir”, e não necessariamente um redobro do possessivo simples “seu”;

(13c) “deles” pode ser um constituinte do VP, isto é, um argumento oblíquo de “temer”, e não necessariamente um redobro do possessivo simples “seu”;

(13d) “deles” pode ser um constituinte do AP cujo núcleo é “apregoad”, e não necessariamente um redobro do possessivo simples “seu”;

No entanto, nós entendemos que, nos contextos acima apresentados, temos expressões de redobro do possessivo *seu*.

de um antecedente, *o rei e os sergentes do Inferno*, criam ambiguidade estrutural no estabelecimento das relações anafóricas. No entanto, observa-se mais uma vez que o uso produtivo dos pronomes clíticos (acusativos e dativos) atua de forma marcante no cálculo das relações entre possuidor e possuído.

(19) {F62vC2} E despola sa morte logo veerom os sergentes do Inferno e espantaram-no muy fortemente, dizendo que lhi queriam levar a alma porque sempre despendera seu tempo a sa vontade deles e fora seu vassalo. E o anjo de nostro senhor veo a responder por ele e a livrá-lo de sas mãos e disse-lhis:

Como sabemos, tanto no BP como no PE, não é mais produtivo o redobro *seu...dele*

3.4 Outros usos do possessivo dele

Embora muito pouco frequente no *Flos*, a forma genitiva *dele* aparece em diferentes construções de posse, em particular, nas estruturas de redobro, como acima mostramos. Assim, nos exemplos em (20a-d), *dele* aparece como variante de *seu*, na retomada do antecedente referencial. Não encontramos, porém, nenhuma ocorrência da variante genitiva com antecedentes quantificados.

- (20) a. {F30rC1} E morando ali tantas foram as vertudes que em el crecerom que a fama dele veo ao principe Leouegilde de que suso falamos.
 b. {F4rC2} E a nomeada del ya maravilhosamente per toda a terra.
 c. {F51rC2} O abade Scisio seendo em sa cela sempre louvava seu Deus. E deziam os padres dele que no dia em que morreu, seendo eles derredor dele esplandeceu a sa face come o sol e disse-lhis...
 d. {F2vC1} E pois parti-me ende muy ledo porque vira visom angelial e andey per todolos moesteyros que eram em derredor, por veer os padres sanctos e os frades e por receber beenço deles.

Em (20a-b), com posse inalienável, a forma *dele* nos SNs complexos (a fama dele/a nomeada dele) é uma variante de *seu* (a sua fama/a sua nomeada), sem alterar o valor referencial, discursivo. Como propusemos para os casos de redobro *seu...dele*, tanto a assimetria de número na relação possuidor/possuído como a posse inalienável podem ter favorecido a escolha da variante *dele*.²²

22 Como também é a forma favorecida no PB contemporâneo.

Por outro lado, em (20c), *dele* toma um antecedente referencial, *o abade Scisio*, sendo gerado dentro de um SN contendo um nome “inalienável” no plural, *os padres*. Nesse caso, porém, podemos ter ambiguidade na interpretação de *dele*, o qual pode ser um genitivo ou um complemento oblíquo, levando à interpretação de que os padres estejam falando sobre o abade Scisio.

De fato, o contexto discursivo teria evitado a ambiguidade no uso do possessivo *seus*: o antecedente do pronome só poderia ser *o abade Scisio*, que é o único referente/antecedente disponível. O mesmo comentário pode ser feito em relação a (20d). Aqui pode-se efetivar a retomada anafórica do antecedente por ambas as formas, *seu* e *dele*.²³

Encontramos também a variação das formas *seu/sa* e *dele/dela/del*, em um mesmo enunciado, para um mesmo possuidor. Nos dados em (21a-c), os núcleos nominais referem-se a partes do corpo e a nome de parentesco (cabelo, semblante, olhos, ossos, pais). Novamente, são todos casos de posse inalienável, no sentido em que não pode ser transferida para domínio alheio.

- (21) a. {F52rC1} E os seus cabelos eram tã brancos como podia seer hu)a neve, mais o sembrante
del era muyto espantoso
 b. {F51rC2} O abade Scisio seendo em sa cela sempre louvava seu Deus. E deziã os padres dele que no dia em que morreu, seendo eles derredor dele esplandeceu a sa face come o sol...
 c. {F2vC1} E eu nona podia conhocer, ca eram os olhos dela, pola grande esteença que fazia, muyto encovados. E todos seus ossos lhi poderiades contar.

Com verbos inacusativos de movimento/direção manifesta-se um fenômeno muito interessante: a forma *dele* tem uma interpretação ambígua entre possuidor ou fonte/origem do movimento expresso pelo verbo. Ramos & Bonfin (2007), tratando do verbo *fugir* em anúncios de escravos de jornais brasileiros do século XIX, mostram que o escravo que fugiu ao senhor (=do senhor), pertence ao senhor. Ou seja, há um relação possuidor-possuído entre escravo e senhor. No

-
- (i) Os fazendeiros alimentavam os seus cavalos todos os dias/ os cavalos deles
 (ii) Os fazendeiros alimentavam o seu cavalo todos os dias/o cavalo deles

23 Considerando que cada um de “os padres sanctos e os frades” darão sua benção / suas bênçãos, analisamos a construção como resultante de incorporação do objeto direto ao verbo + genitivo preposicionado (receber+benção de X).

entanto, fugir expressa um evento no qual a fuga tem naturalmente um ponto de partida, que, neste caso, é um local metaforicamente representado pela figura do “senhor de escravos”.

Com verbos como *partir*, *sair*, *furtar*, *sacar*, *roubar*, *tirar* e outros encontrados no *Flos*, a forma *dele* expressa ambas as interpretações, sendo necessário o contexto para que se possa identificá-las com maior clareza. Os trechos em (22a-b) abaixo ilustram duas versões de um mesmo fato, nas quais foram usadas duas formas pronominais distintas para a expressão do possuidor. Nesses casos as variantes podem ser o genitivo e o dativo de posse Assim, em (22a), o dativo de posse *lhe*, na expressão *nō lho poderom tirar do ventre* (=não puderam tirar o chifre do ventre dela), representa uma pista importante para a interpretação de *dela* como possessivo, em (22b), na expressão *sacar o corno dela*, (=tirar o chifre do corpo dela). Ambas as versões deixam claro que o corno estava no corpo da mulher (ventre e “espadao”), ou seja, pode ser computada uma relação de posse entre a mulher e o chifre que passou a fazer parte de seu corpo. Da mesma forma, *dela* pode expressar a origem do movimento, o local a partir do qual o chifre será retirado. Assim, *lhe* e *dele*, em variação, podem ambos indicar posse e fonte/origem do movimento. Em algumas expressões, de fato, o papel temático origem, fica claramente definido, como na expressão: *e ferio-a em sa espadao e leyxou o corno em ela*.

(22) a. {F81vC2} E quando a bõa dona com seu marido e com seus filhos veo, hu)u) boy muy bravo per antr’eles que hi andava ferio-a com seus cornos per so a espadao e alçando a cabeça com ela leixou em ela hu)u) corno soterrado no ventre da boa dona. E nem seu marido, nem ne)huu) daqueles, que pelo caminho yam, nō lho poderom tirar do ventre. E teendo-a ja pera soterrarem-na, apareceu hu)u) homem muy fre-moso e viinha pelo deserto des contra a eigreja de sam Fijz. A sa cara esplandecia come o sol e as sas vestiduras eram tã brancas come a neve.

b. {F25rC2} E yndo pera alá com seu marido e com sas companhas, toparom com huus homens que tragiam muytos boys. E quando forom antr’eles, leyxou-se huu) boy que nō havia mais duu) corno yr a ela e ferio-a em sa espadao e leyxou o corno em ela. E seu marido com seus homens trabalharom de sacar o corno dela e nō poderom. E em esto catarom e virom viir de contra sã Fiiz, huu) mancebo resplan-decente come o sol e sas vestiduras brancas come neve.

A seguir, trazemos um texto mais longo, similar aos anteriores, com o objetivo de esclarecer de forma mais adequada à nossa hipótese da variação genitivo vs. dativo. Assim, tanto em (22 a-b), como em (23a) abaixo, os clíticos dativos *lhel/hes-lhillhis*, interpretados como pronomes possessivos, aparecem em variação com a forma *dele* para se referir ao possuidor.

De fato, a interpretação de *dele/del* com os verbos *sair* e *entrar* em (23a) revela a ambiguidade entre possuidor e origem/fonte do movimento. No entanto, a presença do clítico de posse *lhe* com o verbo *entrar* na sentença *entrou-lhi tanto a sogua pela carne* (=a corda entrou tanto pela sua carne/pela carne dele), e com o verbo *sair* na sentença *começou-lhi a sayr do podridoem do corpo* (=começou a sair da podridão do seu corpo/corpo dele) reforçam a interpretação possessiva de *dele*. Por outro lado, nas expressões *começavam de sair muytos vermeens del* e *sacarom a sogua dele*, a posse pode ser computada, embora de forma mais sutil.

O mesmo pode ser dito do genitivo *dele* encontrado no exemplo em (23b) com *partir-se*. Já em (23c), com o mesmo verbo, não há outro sentido, a não ser o direcional, uma vez que *dele se* comporta sintaticamente como oblíquo.

(23) a. {F3vC2} Hu)u) dia aveo que sayo fora e foy a hu)u) poço que hi havia apreto onde haviam agua pera o moesteiro e tomou a sogua per que tiravam a agua e cingeu-se dela e apertou-a muy bem em sy. E depois a pouco tempo apodreceu-lhi a carne e pola asperidoem da sogua secou-xi-lhi o corpo e entrou-lhi tanto a sogua pela carne que adur podia ja parecer. Depois desto começou-lhi a sayr do podridoem do corpo huu) fedor muy maa de guysa que nõ podia ne)guu) cabo del seer. E começavam de sair muytos vermeens del, de guysa que todo o leyto em que jazia achariades ende cheo. Entõ chamou-o o abade:

– Filho, onde é este fedor que saay de teu corpo e onde só aquestes vermeens de que é cheo teu leyto?

El quando esto ouvyo, o abade foy muy sanhudo e mandou-o desnua por veer onde saya aquel fedor. Depois que o houverom desnua, acharom a sogua como lhi entrara pela carne de guysa que ja nõ parecia nemigalha dela. E o abade lhi disse:

– Pois que tu nõ quisisti com os outros frades do moesteiro viver segundo a regra e como é custume, vay-te ta via pera hu quiseres.

Entõ a muy gram trabalho sacarom a sogua dele e pareceu a carne como era toda podre. E o abade mandou que pensassem dele, mais muytos dias durou que o nõ podiam guarecer.

b. {F74rC1} E viindo a el come a fisico que lhi desse conselho, el fez-lhi o sinal da cruz sobrelo estamago e logo se partio a enfermidade dele.

c. {F70vC1} E ele assi o fez como lhi mandou aquele homem boo velho que no ermo vivia. Ca hu)a vegada veo a ele seu irmao e el respondeu-lhi como lhe ensinara o homem boo velho e el porende partiu-se dele muy triste.

Para reforçar nossa argumentação, trouxemos exemplos da variação *lhe* e *seu* num tipo de posse inalienável que envolve dois itens, *alma* e *corpo*, para um mesmo possuidor (24a-b), ou mais de um (24c). Raramente há uso redundante

do possessivo (20d). Pode ainda ocorrer a forma pronominal nula do possuidor como em (20b), nas expressões *que esta alma saya do corpo sem door e e por esso non podemos tirar do corpo per força*.

(24) a. {F52vC2} Entó aquel spiritu infernal meteu o gadanho que tragia eno coração daquel monge e atormentou- o per muytas oras. E pois tirou-lhi a alma do corpo e levou-o consigo (= tirou a alma do corpo do monge).

b. {F52vC2} E a alma nõ se queria partir e leixar seu corpo (=corpo do monge). E sam Gabriel disse a sã Miguel:

– Toma ja esta alma e vaamo-nos.

E respondeu sã Miguel:

– A nós é mandado de nostro senhor que esta alma saya do corpo sem door e por esso non podemos tirar do corpo per força (= corpo do monge).

c. {F30rC2} E depois que foram soltos, veerom os enmiigos da li)agem d'Adá e entraram nos seus corpos e tanto os atormentarom ata que lhis tirarom as almas dos corpos.

d. {F29rC2} E ao terceiro dia partio-se a sa alma do seu corpo.

3.5 A posse dativa

Na subsecção 2.7 discutimos dois aspectos da posse dativa no PB contemporâneo: (i) o possuidor dativo pode ser sintaticamente codificado como complemento verbal, ou seja, como um participante no evento expresso pelo verbo; (ii) a pesquisa sobre o assunto mostra que, na história do PB, há queda percentual na expressão morfológica da posse dativa. No PE, ao contrário, construções como exemplificadas em (25a-b) são ainda produtivas

(25) a. O José lavou o carro *à vizinha*.

b. O José lavou-*lhe* o carro.

A contraparte genitiva, ilustrada em (26a-b), é a opção favorecida no PB, e substitui a posse dativa de forma categórica na língua falada. No PE, ao contrário, a construção genitiva alterna com a construção dativa.

(26) a. O José lavou *o carro da vizinha*.

b. O José lavou *o carro dela*.

Para entender o percurso histórico dessas construções no PB, com certeza os documentos do PA se tornam de grande relevância. Em particular, destaca-se

neles a grande produtividade dos dativos de posse nos diferentes contextos verbais, a saber: verbos transitivos (27a-d); inacusativos (27e-f); inergativos (27g-h). Chama a nossa atenção o fato de estes exemplos privilegiarem a posse inalienável.

- (27) a. {F68vC2} E pois que os vyo, recebeu-os com gram prazer. E pois fez sa oraçõ sobr'eles, lavou-lhis os pees...
- b. {F21vC1} E depois que lhi dava que comesse, lambia-lhi as mãos come em logo de graças.
- c. {F5rC2} Quando el esto vio, começou a dar grandes vozes e, gemendo e chorando muy feramente, beyjava-lhi a cabeça e a barva e dezia-lhi:
- d. {F74vC2} Muytas vegadas acaeceu que de noyte, quando os homens e as molheres que naquela casa dormiam e jaziam em seus leytos ou em sas camas sem vestidura ne)hu)a, viinha o enmiigo e tomava-lhis as vestiduras dos logares em que as tiinham e pendorava-as do teyto daquela casa...
- e. {F5rC2} E o Bispo d'Anziocena quisera tomar do sancto homem alguma cousa pera religas e logo xi lhi secarom as mãos...
- f. {F3vC2} E depois a pouco tempo apodreceu-lhi a carne e pola asperidoem da sogua secouxi-lhi o corpo e entrou-lhi tanto a sogua pela carne que adur podia ja parecer. Depois desto começou-lhi a sayr do podridoem do corpo huu) fedor muy mao de guysa que nõ podine)guu) cabo del seer.
- g. {F14vC1} E porque foy ali pela voontade de Deus, assy foy açesa no seu amor que a maravilha lhi corriam dos olhos rios de lagrimas.
- h. {F68rC2} E tanto lhi rugio aa orelha, ata que o trove consigo aa cidade em que morava seu padre.

No nosso entender, os dados em (27) evidenciam um outro fenômeno: o de que os clíticos dativos de posse *lhe-lhi/lhes-lhis*, por retomarem exclusivamente referentes de 3ª pessoa, e codificarem número sing/plural do possuidor, representam estratégias que contribuem para a baixa produtividade do possessivo *dele*, incluindo o redobro *seu...dele*, com apenas 8 ocorrências no nosso documento. Ou seja, trata-se de uma competição entre a forma clítica e a forma preposicionada.

Entendemos, igualmente, que a natureza narrativa de nosso documento permite que sejam efetivadas várias costuras anafóricas. Assim, entram em ação os pronomes nominativos *ele(s)/ela(s)*, os clíticos complementos de verbos ditransitivos, como *mandar*, *mostrar*, *enviar*, *dizer*, etc., juntamente com os dativos de posse *lhe(s)-lhi(s)*, os clíticos acusativos *o*, *a* e a forma *dele* na função oblíqua. Tais formas pronominais favorecem a recuperação do antecedente de *seu*, contribuindo para desambiguar o possuidor, na presença de mais de um referente de 3ª pessoa. Com isso, evita-se o redobro e o uso mais produtivo da forma perifrástica.

Em (28 a-c) trazemos trechos ilustrativos, embora muitos já aqui apresentados possam servirão mesmo propósito.

(28) a. {F14vC2} E tanto que ela esto ouvyo, levantou-se logo e foy-se muyto aginha pera nossa pousada e envyrou-nos ante dizer que viinha. E quando sã Nono aquesto ouvyo, envyrou rogar os outros bispos que veessem a el. E tanto que entrou deitou-se no astrago ante seus pees e abraçou-lhos e dava gímidos e chorava e apanhava da terra e deytava sobre sa cabeça e regava-lhi os pees com sas lagrimas, desy alimphava-lhos com seus cabelos dando vozes e dizendo...

b. {F30vC2} Entô entrou na eigreja de sancta Olalha e jouve hi hu)u) dia e hu)u) noyte sobrela terra nuu, rogando a Deus que lhi mostrasse sa voontade sobre aqueste feyto. E depois que entendeu sa voontade, foy aa casa da molher que era enferma e fez hi outra vegada sa oraçom e pos sas mãos sobrela enferma eno nome de Deus e deytou logo a creatura morta que tragia e entregou-a saa e salva a seu marido e mandou-lhi que dali em deante nunca se chegasse a homem que do mundo fosse, ca senô em mayor perigoo poderia viir ca este de que escapara. Entom ambos prometerom que aguardariam todas estas cousas que lhis o sancto homem mandava. E vivyam com muy gram prazer porque lhis enviara nostro senhor o seu anjo que se amerceara deles.

c. {F51rC1} Entô os monges veerom a aquel logar e demandarom por casa daqueles homeens e disserom aa molher que lhis dissesse hu era seu marido. E ela disse que seu marido era ovelheyro e andava no monte apascando sas ovelhas e pero recebeu -os ambos em sa casa.

Observem que, em (28a), há dois possíveis antecedentes do possessivo *seu*: o primeiro é *Paaya*, mulher pecadora, que quer ser recebida pelo bispo, e o segundo é *são Nono*, o bispo. Assim, na expressão de posse inalienável, *seus pés* e *sa cabeça*, o possuidor só pode ser o santo bispo. Nesses casos o antecedente é resgatado pelo emprego dos dativos de posse, e mesmo pelo grupo de clíticos dat+acus, na forma *lhos*. O antecedente de *sas lágrimas* e *seus cabelos*, porém, só pode ser *Paaya*, dadas as possibilidades contextuais e gramaticais estabelecidas. Em (28b) e (28c) podemos usar a mesma argumentação, que deixamos a cargo do leitor.

Vale registrar que encontramos alguns casos em que um mesmo tipo de nome-possuído, permite a variação entre três estruturas: (i) posse genitiva nominal (29a); (ii) forma preposicionada *dele* (29b); (iii) pronome possessivo (29c):

(29) a. {F74vC2} ... tomava aquel enmiigo os ossos das animalhas mortas

b. {F24vC2} Quem poderia cuydar em ne)hu)a guysa que osso delas podesse chegar enteyro a fondo.

c. {F2vC1} E todos seus ossos lhi poderiades contar.

4 CONCLUSÃO

O presente estudo buscou trazer uma descrição da expressão da posse pronominal, atestada em documento arcaico, estabelecendo ainda uma comparação com os usos do PB contemporâneo. Os nossos achados podem ser resumidos no que se segue.

Primeiramente, é preciso lembrar que rejeitamos a hipótese do desaparecimento de *seu* como possessivo de 3ª pessoa no PB falado, após ter se tornado uma forma para a 2ª pessoa semântica. Tal hipótese não daria conta do fato de que *seu* ainda é bastante produtivo na língua escrita, e favorecido para a retomada do antecedente quantificado na língua falada. Naturalmente, o fato de passar a se referir à 2ª pessoa possibilitou que a forma se tornasse ainda mais opaca na expressão dos traços gramaticais do antecedente de 3ª pessoa.

O que assumimos é que, no caso do PB falado, o possessivo *seu* passa a ser desfavorecido na retomada do antecedente referencial de 3ª pessoa, uma vez que está no processo de se tornar um “anafórico” de 3ª pessoa, especializando-se como variável ligada. Com isso, o possessivo *dele* se afirma como a forma pronominal escolhida para retomar antecedentes referenciais e expressar correferência. Nas variedades formais, *seu* ainda é produtivo com antecedente referencial, mas está sujeito a restrições discursivas e estruturais impostas aos “anafóricos” de 3ª pessoa, ou seja, o seu estatuto sintático não se altera. Outras estratégias de expressão da posse desaparecem. Em particular, os clíticos dativos *lhellhes* de 3ª pessoa são substituídos pelo genitivo *dele*, no contexto da posse alienável e inalienável. O possessivo nulo permanece, mas está restrito às construções de posse inalienável inerente. No entanto, pode variar com a forma genitiva *dele*.

Como vimos, no PA eram bem variadas as formas de marcar a posse de 3ª pessoa, embora os dados revelem que a forma *seu*, exclusiva da 3ª pessoa, é de longe a preferida e usada sem restrições quanto ao estatuto referencial ou não do seu antecedente. A entrada do possessivo *dele* já é, porém, uma realidade, tanto na construção de redobro *seu ... dele*, evitando a ambiguidade causada pelo fato de *seu* ser subespecificado para os traços de número do possuidor, como em outros contextos que foram levantados ao longo do texto. O uso dos clíticos dativos de posse se revela também como uma forte estratégia, restringindo a entrada do genitivo *dele*, inclusive na formação do redobro *seu...lhe*.

Quando observamos os usos do PB, em comparação com o PA, quais hipóteses podemos levantar a respeito dessas duas gramáticas? Uma delas poderia ser a da restrição aos *doublets* morfológicos em uma mesma gramática, como proposto em Kroch (1994). Assim, poderíamos hipotetizar que o PA ainda se encontra

em uma fase inicial de estruturação de sua gramática e que o PB deixaria de apresentar todas as possibilidades da fase arcaica. Na realidade, esperaríamos mudanças reestruturando / eliminando os *doublets* morfológicos.

De fato, no PB, a restrição aos *doublets* parece se confirmar, uma vez que *seu* e *dele*, embora presentes na gramática, especializaram-se em diferentes contextos e adquiriram um estatuto gramatical distinto, respectivamente como “anafórico” de 3ª pessoa e como pronome.

No caso da competição *seu* vs. *dele* os traços de natureza morfossintática que diferenciam as duas formas podem ter sido fundamentais para as escolhas históricas entre as duas formas. Por outro lado, a forma *dele* avançou em outros contextos de posse, substituindo os dativos *lhellhes* que desaparecem nos usos possessivos de 3ª pessoa. Por fim, o possessivo nulo permanece, ao lado da forma *dele*, mas especializado nos contextos de posse inalienável.

Embora não exploremos a questão do contato linguístico neste texto, certamente deveremos considerá-lo como um fator decisivo para as reanálises das várias estratégias de posse no PB falado, em particular pelo fato de que *d(ele)* passa a ocupar quase todos os contextos da posse.

Finalizamos nossa conclusão com a expectativa de termos contribuído para enriquecer os conhecimentos sobre o PA, como também para trazer novas luzes aos estudos de variação e mudança na evolução do PB.

REFERÊNCIAS

Almeida AB. Pronomes possessivos de 3ª pessoa no Português Falado de São Paulo [manuscrito]; 1993.

Ariel M. Accessing Noun-Phrase Antecedents. Londres: Routledge; 1990.

Ariel M. Interpreting Anaphoric Expressions: A Cognitive versus a Pragmatic Approach. *Journal of Linguistics*. 1994;30:3-42.

Castilho AT. Nova gramática do português brasileiro. São Paulo: Contexto; 2010.

Barros E. Construções de posse com clítico no PB: percurso diacrônico. [tese] Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais; 2006.

Castro A. On Possessives in Portuguese. [dissertação] Lisboa: Universidade Nova de Lisboa/Université. PARIS 8 Vincennes Saint-Denis; 2006.

Cerqueira VC. A forma genitiva “dele” e a categoria de concordância (GR) no português brasileiro. In: Roberts I, Kato M, organizadores. *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp. p. 129-161.

Chomsky N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris; 1981.

Chomsky N. *Knowledge of Language: its Nature, Origin, and Use*. Nova Iorque/Londres: Praeger; 1986a.

Figueiredo Silva MC. *A posição sujeito em português brasileiro em frases finitas e infinitas*. Campinas: Editora da Unicamp; 1996.

Freire G. Acusativo e dativo anafóricos de 3ª pessoa na escrita brasileira e lusitana. *Revista da ABRALIN*. 2011;10(1):11-32.

Floripi SA. *Argumentos Nulos dentro de DPs em Português Brasileiro [dissertação]*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2003.

Floripi S Nunes J. Movement and resumption in null possessor constructions in Brazilian Portuguese. In: Nunes J, editor. *Minimalist Essays on Brazilian Portuguese Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company; 2009. p. 51-68.

Galves C. *Ensaio sobre as Gramáticas do Português*. Campinas: Editora Unicamp; 2001.

Galves C, Abaurre MB. Os Clíticos no Português Brasileiro: Elementos para uma Abordagem Sintático-Fonológica. In: Castilho AT, Basílio M, editores. *Gramática do Português Falado*. vol. IV. Campinas: Editora da Unicamp; 2002. p. 267-312.

Gomes CA. (2003) *Variação e mudança na expressão do dativo no português brasileiro*. In: Paiva MC, Duarte MEL, editores. *Mudança Linguística em Tempo Real*, Rio de Janeiro: FAPERJ; 2003. p 81-96.

Kroch A. Morphosyntactic Variation. In: *Annual Meeting of the Chicago Linguistic Society*. 30, 1994, Chicago. *Proceeding*. Chicago: CLS, 1994. v.2. p. 180-201.

Machado Filho AVL. *Um Flos sanctorum do século XIV. Edições, glossário e estudo linguístico*. vol. 2. [tese]. Salvador: Universidade Federal da Bahia; 2003.

Martins AM. Ainda os mais antigos textos escritos em português: documentos de 1175 a 1252. In: Faria I, organizador. Lindley Cintra: homenagem ao homem, ao mestre e ao cidadão. Lisboa: Edições Cosmos/FLUL; 1999. p. 491-531.

Mattoso Camara J. Estrutura da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Vozes; 2007.

Mattos e Silva RV. Estruturas Trecentistas: Elementos para uma Gramática do Português Arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda; 1989.

Mattos e Silva RV. O português arcaico uma aproximação. vol. 1: Léxico e Morfologia. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda; 2008.

Menuzzi S. 3rd Person Possessives in Brazilian Portuguese: On the Syntax-Discourse Relation. In: Botley S, editor. Proceedings of the Discourse Anaphora and Anaphora Resolution Colloquium, Working Papers collection. Inglaterra: Lancaster University, Centre for Computing and Corpus Research on Language, UCREL Technical Papers, 1999. v.8, p. 191-210.

Menuzzi S. Sobre as opções anafóricas para antecedentes genéricos e para variáveis ligadas: comentários a Ana Müller. Letras de Hoje. 2003a; 38(1):125-144.

Menuzzi S. Escopo e “variáveis ligadas típicas” do português brasileiro. Curitiba: Revista Letras. UFPR, 2003b. vol. 61, p. 213-248.

Miguel M. A preposição a e os complementos genitivos. In: Gonçalves A. et al., organizadores. Quatro estudos em sintaxe do português – uma abordagem segundo a teoria dos princípios e parâmetros. Lisboa: Edições Colibri; 1996. p. 101-148.

Miguel M. O Sintagma Nominal em Português Europeu: Posições de Sujeito. [tese] Lisboa: Universidade de Lisboa.

Modesto M. On the identification of null arguments. [tese] Los Angeles: University of Southern California, USC, 2000.

Neves MHM. Possessivos. In: Castilho AT, organizador. Gramática do Português Culto Falado no Brasil. vol III: as abordagens, Campinas: Editora da Unicamp, 2002. p. 149-212.

- Müller AL. A gramática das formas possessivas no português do Brasil. IEL [tese. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 1997.
- Müller AL. Pronomes e anáfora-o estado da arte. *Linha d' Água*. 2003;16:17-37.
- Negrão E, Müller A. As Mudanças no Sistema Pronominal Brasileiro; Substituição ou Especialização de Formas. *D.E.L.T.A.*. 1996;12:125-152.
- Perini MA. O surgimento do sistema de possessivo do português coloquial: uma interpretação funcional. *D.E.L.T.A.*. 1985;1-2:1-15.
- Pilkkänen L. *Introducing Arguments*. [tese]. Massachusetts. Massachusetts Institute of Technology: MIT; 2002.
- Ramos J, Duarte FB. Ordem de constituintes, conteúdo de traços-phi e mudança gramatical no PB. In: Castilho AT et al., organizadores. *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. Campinas: Pontes Editores; 2007. p. 111-130.
- Reinhart T. *Anaphora and Semantic Interpretation*. Londres: Croom Helm; 1983.
- Reinhart T, Reuland E. Reflexivity. *Linguistic Inquiry*. 1993; 24(4):657-720.
- Reuland E, Reinhart T. Pronouns, Anaphors & Case. In: Haider H, Olsen S, Vikner S, editors. *Studies in Comparative Germanic Syntax*. Kluwer: Dordrecht; 1992. p. 241-269.
- Reuland E. Primitives of Binding. *Linguistic Inquiry*. 2001;32(3):439-492.
- Ribeiro I. Sobre os usos de ênclise nas estruturas subordinadas no português arcaico. *Estudos da Língua(gem)*. 2010;8(1):15-40.
- Rodrigues C. Possessor raising through thematic positions. In: Hornsteinand N, Polinsky M, editores. *The movement theory of control*. Amsterdam: John Benjamins; 2010. p. 119-146.
- Silva GMO. *Estudo da Regularidade na Variação dos Possessivos no Português do Rio de Janeiro* [tese]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1982.
- Silva GMO. Um caso de definitude. *Organon*. 1991;18:90-108.

Silva GMO. Estertores da forma seu de terceira pessoa na língua oral. In: Silva GMO, Scherre M, organizadora. Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; 1996. p. 169-146.

Torres Morais MA, Berlinck RA. A caracterização do objeto indireto no português: aspectos sincrônicos e diacrônicos. In: Lobo T et al, editores. Para a história do português brasileiro: Novos dados, novas análises. vol. VI. Tomo I. Salvador: UFBA; 2006. p. 73–106.

Torres Morais MA. Os dativos. Tese de Livre Docência [livre docência]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2007.

Torres Morais MA, Salles HM. Parametric change in the grammatical encoding of indirect objects in Brazilian Portuguese. *Probus*. 2010;22:181–209.

Vergnaud JR, Zubizarreta ML. The Definite Determiner and Inalienable Constructions in French and in English. *Linguistic Inquiry*. 1992;23:595-652.